A decolonização do pensamento pela escrita de vivências: proporcionando o protagonismo acadêmico.

CARLA BRITO NASCIMENTO*

Resumo: As ações afirmativas trouxeram corpos plurais para os espaços acadêmicos, porém, isso não se reflete nos projetos de ensino. Por isso, refletimos como a escrita de vivências pode contribuir academicamente e fomentar a elaboração de estratégias contra o epistemicídio. Para isso, será utilizado o conceito de "escrevivência" sob uma perspectiva filosófica. O termo foi criado pela escritora Conceição Evaristo, e neste contexto, visa colocar as pessoas em posição de protagonistas de suas trajetórias formativas. Ao acessar ambientes acadêmicos, muitas vezes as pessoas precisam despir-se de alguns elementos constituintes, porque há uma necessidade de imitar o modelo eurocêntrico de produção do conhecimento. Esse modelo tradicional de formação acadêmica proporciona um afastamento e inviabiliza saberes. Por isso, devemos colocar em voga as estratégias de exclusão como os processos filosóficos, ideológicos e históricos, para iniciarmos apontamentos rumo a uma educação decolonial e antirracista.

Palavras-chave: Filosofia; Formação acadêmica; Epistemicídio; Escrevivência.

The decolonization of thought through writing experiences: providing academic protagonism

Abstract: Affirmative actions brought plural bodies to academic spaces, however, this is not reflected in teaching projects. For this reason, we wanted to explore how the writing of experiences can contribute academically and encourage the development of strategies against epistemicide. For this, the concept of "writing experience" will be used from a philosophical perspective. The term was created by the writer Conceição Evaristo, and in this context aims to place people in the position of protagonists of their formative trajectories. When accessing academic environments, people often need to undress some constituent elements, because there is a need to imitate the Eurocentric model of knowledge production. This traditional model of academic training distances and makes knowledge unfeasible. Therefore, we must put in vogue exclusion strategies such as philosophical, ideological and historical processes, to start notes towards a decolonial and anti-racist education.

Key words: Philosophy; Academic education; Epistemicide; Clerkship.

* **CARLA BRITO NASCIMENTO** é mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia, bolsista CAPES. Cocriadora e ministrante do curso de extensão "Escrevivências Filosóficas" e coordenadora do grupo de pesquisa NEGREJÁ.

Introdução

Para algumas pessoas, ter uma formação acadêmica ainda é uma realidade muito distante, mesmo com a criação das leis de cotas e as políticas públicas de ingresso à universidade, pois a permanência e conclusão de uma graduação é um enorme desafio para pessoas que enfrentam estereótipos negativos em relação à sua capacidade intelectual. Partido dessa premissa, abordaremos as dificuldades da formação acadêmica sob a ótica de mulheres negras, dado que, para alguns corpos a sensação de "não pertencimento" é ainda mais violenta e excludente. Daremos foco e usaremos como exemplo à graduação em filosofia. Uma vez que há uma equivocada noção de que filosofia é somente aquilo que é produzido dentro dos espaços acadêmicos, ao olharmos para a realidade brasileira percebemos que a nossa memória filosófica é totalmente ocidentalizada e excludente. Raramente as filosofias negras ou indígenas são abordadas na grade curricular, pois o que se prega como uma escrita acadêmica inviabiliza saberes e desqualifica possíveis contribuições.

A filosofia é mais do que uma área de estudo ou uma forma de refletir o comportamento humano. No entanto, a filosofia tradicional colaborou para a construção da realidade em que estamos ao refletir sobre o universo sob uma única perspectiva cultural e ao tomar esta única perspectiva, como universal. Por isso, é preciso, antes de tudo, encarar o papel de responsabilização da filosofia no desenvolvimento e propagação do conceito de raça. Isto é, encararmos que a filosofia, enquanto área de estudo, não somente reproduz o racismo, mas que sua estrutura hierarquizante foi fundamental para a criação e perpetuação do racismo estrutural, segundo os apontamentos feitos por Almeida (2020). Ao analisarmos as configurações atuais é possível perceber como o ambiente acadêmico é formatado para manter suas estruturas. Dado que, na graduação em filosofia não há a devida atenção para discursos sexistas, eugenistas e abertamente racistas feitos por renomados filósofos. Além disso, a falta de referências e conteúdos que abordem as contribuições filosóficas e os conhecimentos desenvolvidos por pessoas negras e indígenas, acaba gerando um afastamento naturalizado das pessoas que não tem o perfil esperado para fazer filosofia, isto é, mulheres negras não são vistas como intelectuais.

As ações afirmativas trouxeram corpos plurais para os espaços acadêmicos, porém, isso não se reflete nos projetos de ensino desenvolvidos, nos cursos ou ementas obrigatórias. Assim, podemos observar um descompasso entre a entrada de mulheres negras na universidade e o que é oferecido como possibilidade curricular de formação. Precisamos nos atentar para o fato que a construção filosófica moderna se baseia na teoria de que somente aquele que consegue pensar nos modos cartesianos é humano. Logo, a humanidade e o intelecto, estão associados aqueles que fazem filosofia, isto é, em sua maioria homens brancos. Contudo, pessoas racializadas não possuem o direito de se abstrair de si mesmas, para pensar e existir, elas existem enquanto matéria e pensam a partir de suas vivências, como nos mostra Evaristo (2017). O pensamento decolonial traz uma abordagem crítica que busca subverter as hierarquias de conhecimento estabelecidas pelo colonialismo, questionar os pressupostos eurocêntricos dos quais se baseia a

filosofia tradicional e explorar outras formas de conhecimento. A partir disso, ensejasse explorar como a escrita de vivências pode contribuir na formação acadêmica e fomentar a elaboração de estratégias de resistência contra o epistemicídio. Escrevivência é um conceito criado por Conceição Evaristo, uma das maiores narradoras da diáspora negra do Brasil e esse conceito transmite uma essência, que retrata as subjetividades e visa colocar as pessoas não brancas em posição de autores e protagonistas de suas próprias histórias. Ou seja, é possível refletir as trajetórias das pessoas, em forma e conteúdo, trazendo para a superfície do discurso vivências particulares, mas também sociais e coletivas que potencializam saberes.

Este trabalho tem uma pretensão desafiadora, visto que, para acessar o ambiente acadêmico, muitas vezes mulheres negras precisam despir-se de alguns elementos constituintes e constituidores. Esses elementos incluem a ancestralidade, as religiões de matriz africanas, as experiências históricas de descriminação racial e as narrativas de resistência e luta por uma valorização cultural. Ao precisar imitar o modelo eurocêntrico de produção do conhecimento as pessoas são induzidas a abandonar algumas de suas características. Pois, no âmbito acadêmico há uma inferiorização dos saberes ancestrais e das narrativas pessoais, o modelo tradicional de ensino de filosofia foi estruturado não somente como uma área de conhecimento, mas como um mecanismo de manutenção do poder, conforme os estudos de Carneiro (2005). Por isso, precisamos colocar em voga as estratégias de exclusão que visam desqualificar os saberes ditos "populares", para iniciarmos os apontamentos rumo a uma formação decolonial que valoriza a filosofia popular brasileira. Visto que, enquanto brasileiros somos pessoas que têm uma ancestralidade pautada no encontro das descendências dos povos originários, africanos e europeus, e, por isso, precisamos reconhecer academicamente as contribuições de todos. Nessa perspectiva, visamos elaborar algumas reflexões sobre noção de reconhecimento, pertencimento e relações raciais a partir da escrita de vivências. Analisando o contexto estruturalmente racista da sociedade brasileira que faz o possível para anular, ocultar ou exterminar os saberes dos povos não brancos. Portanto, buscaremos sintetizar os elementos centrais implicados no fundamento da concepção de escrevivência, enquanto conceito e método que se intercruzam no processo de ensino.

O conceito de epistemicídio seria resultado de pressupostos filosóficos?

O interesse desse artigo é evidenciar a questão espitemicída para gerar uma reflexão de como o assassinato do conhecimento pode, em certa maneira, justificar o extermínio dos corpos não brancos. Isto é, como o processo epistemicida destitui determinados corpos de humanidade, negando-lhes a racionalidade. O conceito de epistemicídio foi elaborado, originalmente, pelo sociólogo português Boaventura Souza Santos, porém, o termo será abordado neste artigo a partir da introdução feita por Sueli Carneiro, uma filósofa, escritora, feminista e negra. Segundo Sueli Carneiro (2005), o epistemicídio pode ser compreendido como um processo que visa anular e aniquilar o conhecimento dos povos subjugados e, além disso, é responsável pela desqualificação de pessoas negras como produtoras de conhecimento.

> Sendo, pois um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio nas suas vinculações com a racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/ biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quando do biopoder, a saber, disciplinar/ normatizar e matar ou anular. (CARNEIRO, 2005, p. 97).

Percebemos que Sueli Carneiro, circunscreve a questão do epistemicídio analisando os processos de instalação do que a autora intitula como um dispositivo de racialidade/biopoder no contexto brasileiro. Em termos filosóficos, esse conceito se relaciona com a hegemonia do pensamento branco ocidentalizado, que tende a considerar apenas uma única corrente de pensamento como válida e universal. Sendo, essa corrente predominantemente europeia e masculina, e busca desvalorizar e marginalizar os saberes produzidos por grupos minoritários, como mulheres, negros, indígenas e outros grupos não brancos. A estrutura racista da filosofia se manifesta de diversas formas, podendo ser na escolha de temas e autores privilegiados ou na forma como são construídas as narrativas históricas e filosóficas. Mas, se manifestam até mesmo através das ausências. Isto é, na falta de reconhecimento e valorização de filósofas e filósofos não brancos. A estrutura acadêmica perpetua uma visão eurocêntrica e etnocêntrica do mundo, que não considera outras formas de conhecimentos e experiências.

Na graduação em filosofia é normal nos depararmos com textos como a citação a seguir, que colaboraram para a construção de raça, assim como para inferiorização das mulheres e dos povos negros.

> ... Logo, há por natureza várias classes de comandantes e comandados, pois de maneiras diferentes o homem livre comanda o escravo, o macho comanda a fêmea e o homem comanda a criança. Todos possuem as diferentes partes da alma, mas possuem-nas diferentemente, pois o escravo não possui de forma alguma a faculdade de deliberar, enquanto a mulher a possui, mas sem autoridade plena… (Aristóteles, Política, I, 1997 a-b, p. 32- 33).

Partindo da realidade brasileira, encarar textos como o citado anteriormente pode ser uma experiência violenta para mulheres negras, pois, o processo de colonialismo e escravização deixou demarcado através da quantidade de melanina quem foram os escravizados e quem são seus herdeiros. Alguns professores optam por simplesmente ignorar passagens como estas e não se incomodam em trazer um contraponto como: referenciais de mulheres produzindo conhecimento ou ao menos mencionar a passagem de Aristóteles pelo continente africano. Muitas vezes o que fica subentendido é que a filosofia "nasceu" na Grécia antiga. De acordo com Obenga (1990) pouco se fala sobre a filosofia africana e da sua contribuição para o desenvolvimento da Grécia.

Aprendemos muito com as ausências e quando estudantes se deparam com afirmações feitas por filósofos consagrados, sem que tenham nenhum referencial de contraponto para dizer que esses filósofos não são tão certos e geniais em tudo, há um desequilíbrio,

pois a filosofia desenvolvida por eles, muitas vezes não contempla mulheres, muito menos, mulheres negras. Vejamos a seguir algumas afirmações do que alguns pensadores fundamentais como Hegel acreditava a respeito dos povos negros.

> ...a principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com a própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência [...] O negro representa, como já foi dito o homem natural, selvagem e indomável. Devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos sentimento, para realmente compreendê-lo. Neles, nada evoca a ideia do caráter humano [...] A carência de valor dos homens chega a ser inacreditável. A tirania não é considerada uma injustiça, e comer carne humana são considerados algo comum e permitido [...] Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato inexistentes. (HEGEL, 1999, p. 83-86)

Quando o filósofo alemão destitui a humanidade dos africanos, ele os considera seres incapazes de pensar racionalmente e de atingirem ideias complexas. Fica evidente a negação da humanidade, mas também a partir das colocações feitas por outros filósofos percebemos uma ação conjunta de desqualificar intelectualmente todos os outros povos e reforçar a noção de superioridade da raça branca. Ao lermos com atenção os textos de filósofos como Heidegger, percebemos uma visão política com a intenção de enfatizar a colonialidade epistêmica da filosofia europeia. Também podemos evidenciar a equivocada teoria de superioridade racial na filosofia Kantiana que age no sentido de reiterar o que foi dito por Hume:

> ...os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um negro tenha demonstrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo de grandioso na arte ou na ciência, ou em quer outra aptidão; já entre brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por forma de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores. […] Os negros são muito vaidosos, mas à sua própria maneira, e tão matraqueadores, que se deve dispersá-los a pauladas. (KANT, 1993, p.76- 77)

Assim como os filósofos citados, há inúmeros outros pensadores que vem reproduzindo ideias que retiram das pessoas não brancas em geral e em específico das pessoas negras o poder de racionalidade e de serem vistas a partir de suas subjetividades. Por exemplo, na filosofia moderna, Descartes argumenta que o entendimento do que é o ser humano passa pela análise da racionalidade e tal racionalidade existe em sentido independente do corpo, haveria então a possibilidade de conhecer sem ter uma experiência corporal? Tal pensamento moderno toma como verdade um modelo eurocêntrico e novamente não há contrapontos sendo apresentados. Na grade curricular de um curso de

filosofia pouco ou nada se fala de filósofos negros na modernidade. O epistemicídio, portanto, é um processo de opressão que se baseia na ideia de que apenas alguns saberes são válidos e relevantes, o que exclui e marginaliza grupos inteiros de pessoas. Reconhecer e valorizar saberes produzidos por diferentes culturas e etnias na filosofia é uma forma importante de combater o racismo e promover uma educação mais inclusiva, onde estudantes negras possam se sentir representadas para além da condição de subserviência.

Logo, podemos entender que o que Sueli Carneiro define como epistemicídio é um mecanismo muito utilizado no ensino de filosofia, pois, ele controla a produção e a legitimação do conhecimento e nesse processo, decidem quais são os corpos que podem ou não ocupar os espaços acadêmicos, destinados à produção de conhecimento. No entanto, o que escapa às limitações acadêmicas é o entendimento de que a filosofia é um modo de comportamento e quando uma pessoa reflete sobre o mundo e pensa na realidade que está inserida, esta pessoa está fazendo filosofia. Por mais que queiram elitizar a filosofia, a realidade é que ela está presente no cotidiano de todas, todes e todos e independente de gênero, raça ou classe, qualquer pessoa pode produzir filosofia a partir de suas vivências.

A busca por uma educação decolonial: a escrevivência como um conceito filosófico

A presença de mulheres negras na filosofia é historicamente escassa, e essa ausência é um reflexo das estruturas sociais e educacionais que limitam o acesso de determinadas pessoas ao conhecimento. No período colonial, as mulheres negras eram vistas como meras reprodutoras de mão de obra escravizada e diante do fato, de que, o movimento colonialista marcou e (apesar dos muitos esforços e resistências), ainda demarcar quais são os corpos "capazes" de produzir conhecimentos academicamente relevantes. As análises dissidentes são importantes ferramentas para desconstruir as narrativas hegemônicas e buscar uma compreensão mais ampla e plural para se demonstrar que a capacidade intelectual de uma pessoa não pode ser medida por um parâmetro enviesado. A partir das análises dissidentes, é possível realizar uma crítica à visão única que predomina no discurso científico e resgatar saberes que foram subjugados. Porém, a simples crítica não é suficiente para descolonizar a epistemologia. Seria necessário, também, promover a decapitação dos paradigmas que sustentam as estruturas racistas, reconhecendo as formas de opressão e exploração que foram naturalizadas ao longo de séculos. Além disso, é preciso atuar sobre as práticas e teorias, incorporando perspectivas diversas e reconhecendo outros modos de inteligibilidade e conhecimento. Nesse processo o conceito de escrevivência aparece como um método eficiente ao contrapor o apagamento dos saberes produzido por pessoas negras e indígenas.

Neste artigo, buscamos contestar o que é considerada uma educação "superior" e fazer apontamentos de como as universidades estão despreparadas para acolher corpos que não representam os estereótipos do que é esperado de um acadêmico. Pois, é possível constatar os impactos de uma formação excludente ao analisar a representatividade de corpos, quase inexistentes, no corpo docente das universidades. O racismo e o sexismo presente nas instituições impedem o desenvolvimento intelectual de mulheres negras. Pois, a

permanência nos espaços acadêmicos é constantemente ameaçada uma vez que o legado do ensino de filosofia é ocidental e destaca a produção intelectual de homens brancos. Deixando de lado as contribuições das mulheres, dos negros e dos indígenas. Por isso, é fundamental o desenvolvimento de metodologias e abordagens que favoreçam a noção de pertencimento e reconhecimento em jovens estudantes negras.

Felizmente, o cenário acadêmico vem mudando nas últimas décadas, existem inúmeras mulheres fazendo contribuições significativas para o desenvolvimento do pensamento humano, porém, não há uma ressonância desses estudos, tão pouco, uma difusão dos conceitos desenvolvidos por mulheres negras, o que é lamentável. Porque, com a inclusão de mais vozes na filosofia sendo elas negras ou indígenas há uma ampliação e diversificação das discussões filosóficas, trazendo novas perspectivas e questionamentos importantes para a área. Um exemplo é o pensamento decolonial, que visa ir à contramão da invisibilidade, buscando, valorizar e dar espaço para produções múltiplas de conhecimento, visando reconhecer e dar legitimidade às vozes que por muito tempo foram silenciados. É importante desvendar as massas e expor a encrenca que é perpetuar o pensamento colonial. A grade curricular tradicional de ensino de filosofia faz sigilo para não encarar as problemáticas oriundas de sua origem. Dado que, ao abordarem uma única linha de pensamento como válida e universal induzem estudantes a reproduzirem esse pensamento para se sentirem aceitas e capacitadas.

O filósofo ganês Kwame Nkrumah (1970) consegue com facilidade ilustrar como o sistema acadêmico opera de modo a cooptar estudantes.

> Um estudante colonizado por não fazer parte da origem da história intelectual que as filosofias universitárias são pontos de referência impressionantes pode ser tão seduzido pelas tentativas de dar uma explicação filosófica ao Universo, que rende toda a sua personalidade a elas. Quando o estudante faz isso, perde de vista o fato social fundamental, ele é um sujeito colonizado (NKRUMAH, 1970, p. 3).

Neste contexto, a decolonização da epistemologia é um movimento que busca desfazer a hierarquia do conhecimento ocidental em relação aos outros saberes produzidos por múltiplas culturas. Permitindo que estudantes negras possam se ver representadas e potencializadas a produzir conhecimentos acadêmicos a partir de suas realidades, entendendo seus ancestrais como produtores de conhecimento. Percebendo em suas religiões o poder simbólico, permitindo o entendimento do entrelaçamento entre vivências e conhecimento. A decolonização da epistemologia pode ser simbolizada pelo pó de pemba, utilizado na Umbanda como elemento de purificação e renovação. Assim como o pó de pemba pode retirar as energias negativas, a decolonização do conhecimento pode possibilitar uma aproximação entre as múltiplas experiências de vida das quais são compostas as pessoas e seu aproveitamento acadêmico.

Contudo, para que haja um processo de reivindicação do pertencimento é necessário permitir que as pessoas subalternizadas falem a respeito das experiências que as constituíram.

Mesmo que estas vivências sejam tratadas como segredos incômodos. Grada Kilomba (2016), expressa a importância de romper os silêncios para que os segredos sejam desmistificados.

> Gosto muito dessa expressão, "mantidas em silêncio como segredos", pois ela anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar algo que se presume não ser permitido dizer (o que se presume ser um segredo). Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo (KILOMBA, 2016, p. 03).

Para se formar um pensamento decolonial coletivo, é necessário falar sobre os segredos que assombram um país colonizado e principalmente reconhecer a individualidade do outro ao abrir espaços para que sua fala seja ouvida. Falar é uma habilidade humana, mas ser ouvido envolve a detenção de um poder que está distante para muitos. Deter a atenção do outro é um privilégio, porque ouvir e se deixar afetar e ser transformado pela fala do outro, passa por uma ideia de comunhão, de igualdade entre as pessoas que falam. No campo filosófico mulheres não são vistas no mesmo solo comum, mulheres negras em específico, são deixadas a quem desse solo. Isso não ocorre pela incapacidade de falar, mas pela falta de meios para tornar a sua voz relevante no espaço acadêmico. Por isso, é preciso questionar a tradição eurocêntrica que fundou as universidades brasileiras, pois, o cânone no ponto simbólico trabalha na dimensão do sexismo e do racismo. Esse racismo é expresso na desqualificação dos saberes e na inferiorização de determinados pensamentos, o racismo se manifesta ao não se considerar outras cosmologias e ontologias que estão além da instituída pelo colonizador. Djamila Ribeiro (2017) demonstra a importância do "lugar de fala", contudo, para isso é necessário abrir espaço para que as pessoas que tiveram outras vivências possam falar.

> O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social, consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados. (RIBEIRO, 2017, p. 121-12)

O pensamento decolonial no meio acadêmico visa não somente apontar simples problemas. Ele se faz importante ao analisar mais a fundo como as classes sociais foram organizadas para que poucos pudessem ter acesso ao ensino acadêmico. Sendo assim, é preciso garantir que haja espaço e escuta para aqueles que trazem na pele os traços relacionados à subalternização. Não basta criar leis de acesso, é importante desenvolver metodologias pensadas para garantir a permanência de corpos plurais nas universidades e a multiplicidade de representações é uma forma de desmistificar a ideia de que os brancos são detentores do conhecimento.

O sistema educacional brasileiro, em suma, é uma encrenca muito complexa. O termo encrenca aqui é aplicado na raiz de seu entendimento popular, pois se refere a uma bagunça, a confusão. Para entender a situação de um sistema educacional fundado a partir do modelo fornecido pelo colonizador devemos pensar para além dos problemas que são nítidos. Seria preciso analisar como as relações entre colonizador e colonizado se misturam, ao cabo de a pessoa estar tão encrencada no sistema que não reconhece mais qual o seu papel. O

opressor por vezes está na pele do subalternizado, ao não se reconhecer, ao não se deixar afetar pelo que está no outro, mas, que reflete o que está nele. A formulação de um pensamento decolonial é fundamental para reconhecer as múltiplas formas de sabedoria e os diferentes modos de ser uma pessoa provida de individualidade.

Para isso, a escrita e a leitura de obras produzidas por uma diversidade de pessoas permitem que a sociedade tenha acesso a outras perspectivas sobre a realidade, enriquecendo o debate e contribuindo para uma maior compreensão sobre a diversidade presente em nossa cultura. Com esse objetivo, a utilização do conceito de escrevivência, proposto por Conceição Evaristo (2017), pode colaborar para que outras formas de conhecimentos e saberes, principalmente aqueles produzidos pelas comunidades negras e indígenas, possam ser valorizados e trazidos para o centro do debate. O conceito de escrevivência propõe uma escrita que valoriza as vivências e experiências subjetivas de cada pessoa, sua história e sua memória, além de romper com as estruturas opressoras presentes na linguagem.

Ao escrever sobre experiências e ideias, as pessoas têm a oportunidade de se conhecer melhor e de se conectar com os outros. A escrita pode ajudar a transformar nossas experiências em narrativas significativas, permitindo que reflitamos sobre nossa realidade. A filosofia, por sua vez, nos ajuda a pensar e raciocinar sobre questões importantes de maneira clara, lógica e abstrata. Ela nos oferece uma estrutura para entender as questões fundamentais e nos ajuda a tirar conclusões e propor reflexões. Juntas, a escrevivência e a filosofia nos permitem explorar o significado da existência humana de forma mais profunda e significativa. Proporcionando uma noção de pertencimento aos estudantes, ao acolher suas trajetórias. Podendo assim auxiliar na superação de alguns dos desafios impostos para a permanência em uma graduação, como a falta de representatividade: a filosofia, assim como outras áreas acadêmicas, é dominada por homens brancos. Isso faz com que mulheres negras se sintam excluídas e desencorajadas a seguir nessa área. O racismo e sexismo é um fator determinante para que mulheres negras abandonem o campo acadêmico, pois levam a situações como a falta de reconhecimento do seu trabalho, discriminação em processos seletivos, entre outros.

No entanto, também é importante destacar as dificuldades financeiras: muitas alunas vêm de famílias subalternizadas que não têm acesso a condições financeiras que lhes permitam estudar filosofia ou a uma estrutura que lhes permitam se dedicar integralmente à área. Além disso, a invisibilidade é desmotivante, trabalhos de mulheres negras na filosofia muitas vezes são negligenciados ou subvalorizados, o que faz com que suas ideias e contribuições não sejam tão conhecidas quanto às de seus colegas brancos e/ou homens. Por fim, a falta de uma mentoria que respeite as subjetividades e os interesses múltiplos como querer desenvolver pesquisas voltadas ao entendimento das religiões de matriz africana, da capoeira ou até mesmo do Funk. Isto dificulta o acompanhamento acadêmico, em específico para mulheres negras que queiram pesquisar elementos presentes na cultura na qual estão inseridas e esse pode ser um dos maiores obstáculos para a permanência de uma estudante negra na graduação.

No decorrer deste artigo vimos que a negação e destruição da história, dos saberes e das práticas culturais de populações negras e indígenas no Brasil é resultado de séculos de colonialismo, escravização e genocídio. Visto que, durante esse período, os colonizadores europeus impuseram sua língua, cultura e modo de vida sobre os outros povos, negando-lhes suas experiências históricas e suas formas de conhecimento. Por isso, intentasse que através da escrevivência, possamos expressar nossas reflexões filosóficas e compartilhar nossos pensamentos com outras pessoas, enriquecendo nossas experiências mútuas. Dado que, escrevivência é um conceito que traz em sua essência a valorização das subjetividades e consiste em uma forma de escrita que abrange as experiências de vida das pessoas, bem como suas lutas e resistências. Logo, não poderia haver forma mais completa e acolhedora para superar os inúmeros desafios de ser uma estudante negra, num curso extremamente elitista, no qual os textos lidos provocam constantemente um sentimento de inadequação.

Escrevivência é, portanto, uma forma de afirmar a nossa existência e pode ser encarada como um fundamento filosófico, visto que aborda questões profundas e essenciais relacionadas à existência humana. Através deste resgate é possível expressar e refletir sobre as emoções, pensamentos e ações, bem como sobre as experiências que vivenciamos ao longo da vida. Sendo assim, segundo Evaristo (2011) através da escrevivência, é possível desenvolver uma maior compreensão de si e dos outros, bem como uma maior clareza sobre os desafios e as possibilidades da vida. A escrita também permite explorar ideias e conceitos complexos, questionar suposições e desafiar limites, tornando-se assim uma ferramenta poderosa contra a exclusão e seria uma forma de contrapor o epistemicídio.

Considerações finais

Em resumo, a escrevivência e a filosofia operam no mesmo lugar de correlação de sentido, pois são práticas do cotidiano e se articulam à medida que nos dão a capacidade de explorar e entender a nós mesmos e o mundo ao nosso redor. Portanto, ao se apropriar do conceito de escrevivências estudantes negras têm a possibilidade de se reconhecerem como produtoras de conhecimentos e esse processo de apropriação e protagonismo entra em conflito com o processo de negação de conhecimentos, chamado epistemicídio. É importante fortalecer as coletividades a partir da subjetividade. No Brasil, o epistemicídio é parte de uma estrutura racista que protege os interesses e privilégios de grupos brancos e mantém populações negras e indígenas em condições de subalternidade. A estrutura de poder que protege essa negação e destruição de conhecimentos é, portanto, uma estrutura racista que perpetua desigualdades e opressões. A superação desse problema passa pela valorização e respeito às diferentes formas de conhecimento, e pela garantia de acesso de povos negros e indígenas às ferramentas e recursos necessários para a preservação e disseminação de seus conhecimentos e saberes.

Em suma, a escrevivência pode ser vista como um fundamento filosófico importante, que nos permite explorar e compreender as complexidades da vida humana, desafiar limites e resistir à opressão que o modelo de educação tradicional impõe. A escrevivência é uma forte aliada num modelo de educação decolonial, pois busca romper com a ideia de que o único pensamento válido seria o ocidental. E busca

potencializar saberes que foram silenciados e marginalizados. Assim, a busca por uma educação decolonial e a utilização do conceito de escrevivência seria fundamental para a construção de uma formação acadêmica articulada com a formação social. Visto que, ao escrever sobre vivências, as pessoas têm a oportunidade de se conhecer melhor e de se conectar com seu coletivo. Para resgatar histórias e produzir uma forma de organização, que a partir desta reorganização possam ser construídas novas possibilidades de formação. Pois não somos meros receptáculos vazios passíveis de serem cheios do conhecimento dito "superior". Mulheres negras quando conseguem ter acesso aos espaços acadêmicos trazem consigo uma ancestralidade de saberes que as constituíram até ali. Portanto, é importante estabelecer referências e metodologias que permitam que estudantes possam pensar de forma crítica sobre o que é ofertado como possibilidade de formação curricular e que possam pesquisar temas que se conectam com suas vivências. Assim, poderão assumir o protagonismo de sua formação a partir do reconhecimento e da valoração da filosofia presente no cotidiano.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen. 2020.

ARISTÓTELES. **Política**. Brasília, UnB, 1997.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 02 maio 2023.

EVARISTO, Conceição (2017). **Becos da Memória**. 200p. Rio de Janeiro: Pallas.

_____. "Escrevivência" **introdução à publicação da antologia literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**, 2011.

HEGEL, G. W. **Filosofia da História**. Tradução de Hans Harden Maria Rodrigues. Brasília: UnB, 1999.

KANT, Immanuel. **Observações sobre o sentimento do belo e do sublime:** ensaio sobre as doenças mentais. Tradução de Vinicius de Figueiredo. Campinas: Papirus, 1993.

KILOMBA, G. (2016). **"Descolonizando o conhecimento"** Uma Palestra-Performance de Grada Kilomba. Tradução, Oliveira, J. São Paulo, Goethe-Institut.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (orgs.) Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NKRUMAH. Kwame. (1970). **Consciencism**: philosophy and ideology for decolonization. Library of Congress.

OBENGA, Théophile. (1990). **La Philosophie africaine de la période pharaonique**. 2780-330 avant notre ère. Paris: Editions L'Harmattan.

RIBEIRO, Djamila. **O que é Lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

Recebido em 2023-06-30
Publicado em 2024-05-31-